ANTI CAPITALISTA

N.º 30 (SÉRIE II) – JULHO 2020

A LUTA PELA HABITAÇÃO E PELA PROTEÇÃO SOCIAL
P.03

REVOLTA NOS ESTADOS UNIDOS
PP.05-06

A LUTA ANTI-RACISTA E O ANTI-CAPITALISMO NOS NOSSOS DIAS

EDITORIAL

OS SUBÚRBIOS

Meio milhão de mortos em todo o mundo, sociedades suspensas e uma crise económica cujos efeitos perdurarão por vários anos. 2020 não está fácil e nas redes sociais já há muita gente a pedir para que se dê o ano por terminado. No entanto, a verdade é que fora do humor que nos ajuda a passar esta época, existem histórias reais de desespero.

Em Portugal, há milhares de trabalhadores em lay-off total ou parcial, a maior parte das escolas está encerrada, toda a indústria do turismo, que garantia emprego a milhares de pessoas, está suspensa. Nesta área, mas também noutras, identificam-se as maiores vítimas da crise: trabalhadores precários. De um momento para o outro, estes trabalhadores ficaram sem absolutamente nada. Com o desmantelamento dos direitos laborais nos últimos anos pelos partidos do regime, estas pessoas ficarão de um dia para o outro sem chão.

Nas respostas sociais da Câmara de Lisboa, seja direcionadas para sem abrigo, seja na distribuição alimentar na rua, é fácil ter a percepção disto. Desde moldavos que perderam o emprego semi-escravo no Alentejo e andaram 5 dias a pé para chegar às respostas sociais de Lisboa, a trabalhadores da restauração, da limpeza, da hotelaria e da indústria turística que trabalhava "à jorna". Condutores de tuk tuk "auto-empregados" mas sem clientes também pedem diariamente ajuda. Chapa ganha, chapa gasta traduziu-se rapidamente em falta de casa e comida.

Mas não são só as respostas das autarquias que contam. Vimos também o crescimento de muitas respostas sociais solidárias auto-organizadas, como a Seara. Mais mediática que a maioria, ficou conhecida por ocupar um imóvel propriedade de um fundo imobiliário sem cara para montar um centro social de ajuda emergencial. Mesmo assim, temos de referir que a maior parte das respostas que existiram não apareceram na televisão. A militância social de centenas e centenas de pessoas nos subúrbios das áreas metropolitanas garantiram a sobrevivência de milhares de novos pobres. Foram organizadas por paróquias, por juntas de freguesia, por associações de moradores e salvaram vidas.

Esta ajuda auto-organizada surgiu porque o Estado falhou. O Estado falhou por permitir que a informalidade das relações laborais atirasse pessoas para a extrema pobreza num ápice, mas também falhou porque não foi capaz de garantir um subsídio de emergência - como propunha o Bloco - para a enorme massa de trabalhadores precários. Não por acaso, uma parte considerável destes trabalhos são negros e moram nos subúrbios das grandes cidades. Sofrem, além da exploração e pobreza extrema, racismo e preconceito diariamente.

São eles e elas que enchem autocarros e comboios ainda de madrugada para vir construir os prédios, limpar os escritórios e confeccionar a nossa comida. É nos bairros suburbanos, cujos moradores são obrigados a vir para o centro em transportes sobrelotados, que têm aparecido os principais surtos de covid que neste final de Junho marcam a atualidade.

Portanto, temos de saber para onde olhar e compreender bem as tarefas que a esquerda tem hoje. Poderá isto ser feito sem estas pessoas? Se desistirmos de organizar os trabalhadores dos grandes subúrbios das maiores cidades do país, ignorando os sujeitos políticos mais importantes da nossa contemporaneidade, estaremos a desistir do essencial. A ausência de militantes revolucionários e de cultura popular de esquerda é que permite que a retórica neo-fascista recrute também lá, com o seu discurso pronto-a-vestir. É lá que a esquerda tem de estar, para poder deixar de escrever "lá" e passar a dizer "aqui". É a estas pessoas que precisamos responder. É com estas pessoas que queremos construir alternativas socialistas.

Esta é uma publicação da **Rede Anticapitalista**, em que se juntam militantes do **Bloco de Esquerda** que se empenham nas lutas sociais e no ativismo de base.

ÍNDICE

2 **Editorial**
Os Subúrbios

3 **Habitação**
SEARA, ou tanta casa sem gente, tanta gente sem casa
Andreia Galvão

4 **Ativismo**
"A gente tem é de estar unida!"
Vasco Barata

5 **Internacional**
Como mudaremos este país
Keeanga-Yamahtta Taylor

6 **Internacional**
Outro mundo é possível – Internacionalismo e redes sociais
Andreia Galvão e Sofia Oliveira

7 **Internacional**
Brasil: Acharam o Queiroz
Luis Leiria

8 **Leituras**

8 **Acontece**

Ficha Técnica

Conselho Editorial
Ana Bárbara Pedrosa
Andrea Peniche
Andreia Galvão
Beatriz Simões
Hugo Monteiro
Mafalda Escada
Rodrigo Rivera
Tatiana Moutinho

Design
Helena Borges

Participaram nesta edição
Ana Bárbara Pedrosa
Ana Feijão (foto da capa) e Catherine Boutaud (grafismo sobre a foto)
Andreia Galvão
Luis Leiria
Mafalda Escada
Sofia Oliveira
Rodrigo Rivera
Vasco Barata

Depósito Legal
441931/18

Contactos
email **redeanticapitalista@gmail.com**
facebook.com/**redeanticapitalista**
web **www.redeanticapitalista.net**

ATIVISMO

SEARA, ou TANTA CASA SEM GENTE, TANTA GENTE SEM CASA

ANDREIA GALVÃO

A crise provocada pela covid-19 trouxe para o centro do debate público as fragilidades do sistema capitalista. Números de lay-offs, desempregos, abusos laborais, precariedade. Também a habitação ocupou um espaço central neste debate. Contudo, não é, de todo, uma nova questão. A crise habitacional não foi provocada pela pandemia, mas sim por décadas de políticas neo-liberais que anulam o direito à habitação (em Portugal, temos apenas 2% de habitação pública). São estas políticas que empurram milhares de pessoas para as ruas. Face a este cenário pandémico, especialmente em Lisboa, o Bloco trabalhou na CML para dar respostas a centenas de pessoas em situação de sem-abrigo. Contudo, outras dezenas deítimas da crise encontram-se, ainda, sem resposta – e é aqui que entra o SEARA.

Num contexto trouxe para a discussão a crise dos cuidados e a necessidade de colocarmos a vida no centro, surgem respostas coletivas dentro das comunidades. Em meados de Maio, um grupo de ativistas ocupou, após várias tentativas de contacto com os proprietários do prédio e notificação da ocupação à CML, um prédio que se encontrava devoluto há anos, com o objetivo de o reaproveitar e torná-lo num centro de apoio a pessoas em situação de sem abrigo – um espaço onde se pudessem sentar a tomar uma refeição quente, onde pudessem lavar e secar a roupa, carregar telemóveis, trocar dois dedos de conversa e até mesmo pernoitar, quando o desejavam. E assim nasce o SEARA, que funcionou em articulação com os residentes nos Anjos até ao dia 8 de junho.

No dia 8 de Junho de pelas 5 da manhã, uma empresa de segurança privada, a mandato dos proprietários, irrompeu (segundo testemunhas, com armas em punho) pelo espaço que tinha passado a ser conhecido e acarinhado pelo SEARA. Esta eventualidade foi marcada pela agressividade, intimidação e desrespeito total para com as pessoas que ali se encontravam e os seus pertences. A PSP tinha sido chamada ao local por membros pertencentes ao SEARA, no sentido de os proteger da milícia ilegal que ameaçava o seu espaço de habitação contudo, as forças policiais acabaram por defender os perpetuadores do assédio e das agressões, ao invés de proceder ao bloqueio da mesma e proteção das pessoas em causa. Para além de agirem em conformidade com a milícia armada, a PSP, em confronto com ativistas, usou força desproporcional, recorrendo ao uso de gás pimenta e bastonadas – que resultaram em ferimentos graves.

A situação do SEARA, apesar de nos parecer excepcional, é a ilustração perfeita da crise habitacional em Portugal. Na manhã do dia 8 de junho, horas após a invasão dos capangas armados sem ordem judicial, viemos a descobrir que havia planos de reconstrução daquele prédio para vendas de T0's a 320 mil euros cada. Mais uma vez, os órgãos de poder unem-se para defender o lucro, em detrimento do direito à habitação, em detrimento da vida.

A quem serve um prédio emparedado?

Andreia Galvão é ativista estudantil.

FOTO: ANNIE SPRATT@UNSPLASH

OS PEQUENOS OLHAM PARA OS GRANDES

Uma das curiosidades do debate acerca da habitação em Lisboa é como militantes do PCP usaram o caso do desalojamento ilegal do Seara para acusar o vereador do Bloco de ser "criminoso". A coisa começou com um tuite de Miguel Tiago, entretanto escondido. Parece que a acusação era que o Bloco não tinha resolvido o problema da habitação na cidade. E portanto é "criminoso".

Há nisto três curiosidades. A primeira é que o prédio ocupado pelo Seara tinha sido vendido a um fundo especulativo por uma associação de cuja direção fazem parte camaradas de Tiago. A segunda é que as câmaras dirigidas pelo PCP não são famosas por terem resolvido o problema da habitação de comunidades pobres, nomeadamente imigrantes. O pelouro da habitação na CML não é do Bloco, mas na atividade do seu vereador foram alojados e alimentados todos os sem-abrigo que aceitaram o apoio.

Mas a curiosidade mais notável é porque é que entre os militantes do PCP se vai afirmando esta prioridade de concentrar a sua política na oposição ao Bloco. É compreensível, há anos que o seu partido está atrás do Bloco nas eleições parlamentares, europeias e presidencial, e porventura virá daí o azedume. Mas, se o PCP não quer disputar a luta política com a direita ou com o PS e define como inimigo o Bloco, só conseguirá uma afirmação secundarizada.

Um partido é grande quando tem causas grandes, respondeu uma vez Álvaro Cunhal quando, depois de uma reunião com o partido de que fiz parte, os jornalistas lhe perguntaram porque falava com representantes de um partido pequeno. Permito-me sugerir o mesmo a toda a gente: é melhor cuidar de causas grandes.

FL

FOTO: ANA MENDES

ATIVISMO

MANIFESTAÇÃO DE 6 DE JUNHO
"A GENTE TEM É DE ESTAR UNIDA!"

VASCO BARATA

Nos EUA, a morte saiu à rua e o assassinato de George Floyd colocou a luta antirracista como a principal mensagem das manifestações que ocorreram em vários países. Também em Portugal, a manifestação do dia 6 de junho, convocada por movimentos das mais diversas lutas, foi justa e irremediavelmente marcada pela luta antirracista. Milhares de pessoas não ignoraram o momento histórico em que se encontravam e encheram as ruas das suas cidades mostrando a todo o mundo que a luta antirracista é uma luta por direitos humanos e que, também por isso, apela a uma união de todas as pessoas.

Passado este dia histórico, é urgente olhar o futuro e saber como responder às lutas que se avizinham. Esse caminho, se quiser alcançar maiorias sociais que nos aproximem da mudança necessária, deve responder a algumas questões: é possível falar de luta antirracista esquecendo que as pessoas racializadas sofrem todos os dias discriminação no acesso à habitação, à educação e ao trabalho com direitos?; é possível falar de crise habitacional sem falar de baixos salários e de uma constante perda de direitos laborais?; é possível falar de crise climática sem falar de empregos para o clima como forma de transição de um modelo económico que já se mostrou insustentável?; é possível falar em direitos laborais esquecendo que as mulheres continuam a ganhar menos salário?; é possível ignorar que quem estuda não tem resposta habitacional e é atirada para trabalhos precários?; ignoramos que a pandemia da COVID19 teve um impacto muito mais brutal em quem não tem resposta habitacional digna, em quem vive nas periferias dos centros urbanos, em quem não tem um vínculo laboral?.

A resposta a todas estas perguntas, e a muitas outras desta natureza, é "não". Não é possível cindir todas estas lutas porque todas elas têm a sua solução num horizonte comum: o da alteração de um sistema que nuns casos procura perpetuar discriminações antigas e noutros casos procura arrasar com alguns direitos que ainda vão resistindo. Sabemos que vivemos numa sociedade estruturalmente racista, patriarcal e em que os apetites liberalizantes da economia estão muito longe de ser derrotados.

A construção daquele horizonte comum tem, por isso, de ser feita juntando forças. Naturalmente que a reflexão de cada movimento e de cada espaço de luta é essencial. Só assim haverá reflexão profunda, propostas robustas e construção de um movimento capaz de responder às várias dimensões da nossa vida coletiva. Este horizonte comum não significa, por isso, o fim de cada movimento ou a capitulação perante um movimento de cariz agregador; pelo contrário, a exigência da construção coletiva das respostas que queremos torna cada movimento, cada luta, ainda mais essencial. Daí que, se houver tentações de autossuficiência e se se acreditar no fechamento que aquela encerra, então esse será um erro, um favor àqueles que tentam dividir para reinar.

Os tempos que vivemos obrigam a que olhemos para o mundo com determinação mas também com alguma humildade, já que só assim estaremos em condições de acertar nas respostas. É, por isso, necessário reunir todas as lutas e ativismos. Sérgio Godinho cantava que "a gente o que tem é que estar unida/ unida como as uvas estão no cacho", e julgo que dia 6 este foi o primeiro passo que se deu. Unir. Permitir o diálogo entre os vários movimentos que não se conformam com a agenda situacionista do Governo, e que exigem uma agenda antirracista, feminista, que enfrente a crise climática e a crise habitacional, que lute pelos direitos de quem trabalha e por respostas públicas que, como vimos tão bem com a COVID-19, são a segurança de todos e de todas.

Vasco Barata é jurista.

INTERNACIONAL

COMO MUDAREMOS ESTE PAÍS

KEEANGA-YAMAHTTA TAYLOR

O levantamento do país em resposta ao assassinato de George Floyd, um homem negro de 46 anos, por quatro polícias de Minneapolis, foi o resultado do choque, da exaltação, da preocupação e do temor, com sinais de solidariedade. A sua dimensão foi surpreendente. Em todo o país, as ruas, em grandes como em pequenas cidades, encheram-se de multidões de jovens multirraciais que disseram "basta". Trata-se do maior levantamento desde a revolta de Los Angeles em 1992, que manifestava a sua ira e amargura por causa da desenfreada violência policial, e por assassinatos racistas. Todos esses sentimentos se espalharam até aos confins dos EUA.

Para sufocar a revolta, foram colocados nas ruas mais de 17 mil soldados da Guarda Nacional e mais soldados do que os que atualmente ocupam o Iraque e o Afegansistão. Mais de dez mil pessoas foram presas e doze foram mortas, na sua maioria afroamericanos. Foi imposto o recolher obrigatório em trinta cidades, incluindo Nova Iorque, Chicago, Filadélfia, Omaha e Sioux City. Foram organizadas manifestações de solidariedade de Acra a Dublin, de Berlim a Paris e Londres. E o mais surpreendente é que, duas semanas depois da morte de Floyd, os protestos ainda não terminaram. No sábado passado (13 de junho) houve as maiores concentrações desde sempre, com dezenas de milhares de pessoas.

A fúria implacável e o ritmo da revolta obrigaram os estados a ignorar os seus tímidos esforços para dominar o o coronavirus que continua a contagiar milhares de pessoas no país. Os dirigentes dos estados foram muito mais rápidos a chamar a Guarda Nacional e a coordenar as ações policiais, para enfrentar os manifestantes, do que para se esforçarem em reduzir o efeito do virus. Donald Trump, numa exibição de autoritarismo e de cobardia, ameaçou chamar o exército para ocupar as cidades. A palavra "crise" não basta para descrever a vertigem que se iniciou.

Houve manifestações planeadas, mas também protestos explosivos que só podem ser descritos como uma revolta ou um levantamento. Os distúrbios não são só a voz dos deserdados, foram também, segundo a famosa expressão de Martin Luther King, a ruidosa entrada dos oprimidos na vida política. Transformaram-se numa espécie de cenário do teatro político em que a alegria, a repulsa, a tristeza, a raiva e emoção chocam num baile catártico. É a afirmação dos oprimidos.

Por uma vez na sua vida, muitos dos participantes podiam ver-se, escutar-se e sentir-se em público. As pessoas foram arrastadas das margens para uma força poderosa que não pode ser ignorada, atacada ou facilmente afastada. Ao desfrutar dos primeiros sabores da liberdade real, quando a polícia teme a multidão, os distúrbios podem ser rebeldes ou imprevisíveis. Mas dentro desse enredo contraditório surgem reivindicações e aspirações a uma sociedade diferente. Os rebeldes não expressam só a sua consternação, mas também revelam o nosso dilema social. Como afirmou King sobre os levantamentos dos finais da década de 1960: "Não me entristece que os negros norte-americanos se estejam a revoltar; não era somente inevitável mas eminentemente desejável. Sem este magnífico fermento entre os negros, os adiamentos de sempre continuariam indefinidamente. Os negros fecharam a porta de um passado de passividade. Exceptuando os anos da Reconstrução, os negros na sua longa história em solo norte-americano nunca lutaram com tanta criatividade e coragem pela sua liberdade. Estes são os nossos anos brilhantes de afirmação; mesmo que sejam dolorosos, não podem ser evitados". King viria a acrescentar: "A revolução negra é muito mais do que uma luta pelos direitos dos negros. Obriga os EUA a enfrentar-se com os seus males inter-relacionados: racismo, pobreza, militarismo e materialismo. Denuncia os males que estão profundamente arraigados na estrutura da nossa sociedade. Revela as falhas sistémicas mais que as superficiais, e sugere que a reconstrução radical da própria sociedade é o verdadeiro problema por resolver".

Deve ser claro, por estes dias, quais são os objetivos da revolta dos jovens negros: o fim do racismo, do abuso policial e da violência; o direito a libertar-se da coerção económica que é criad pela pobreza e pela desigualdade.

Keeanga-Yamahtta Taylor é professora de Estudos Afroamericanos na Universidade de Princeton, nos EUA. Este texto é um extrato do seu artigo na New Yorker, em junho de 2020.

"ANOTHER WORLD IS URGENT": INTERNACIONALISMO E REDES SOCIAIS

ANDREIA GALVÃO E SOFIA OLIVEIRA

O cenário pandémico - esta nova realidade que desregulou as nossas vidas - provocado pelo covid-19 levou a uma profunda reflexão sobre as estruturas nas quais assenta o nosso quotidiano. De repente, e fora dos círculos habituais da esquerda, a noção de que o capitalismo é um sistema podre, sem respostas para a classe trabalhadora, começava a ganhar algum protagonismo.

Da análise desta situação e da consciência de que a globalidade dos problemas provocados pelo sistema capitalista só pode ser colmatada através de uma ação concertada internacionalmente, o coletivo RUA, do Brasil, oferece-nos o mote inicial para uma campanha global.

No manifesto do coletivo, encontramos o seguinte objetivo: "*É preciso uma nova cultura política dentro da esquerda. Aliar a combatividade, a democracia, o combate a todas as formas de opressões no movimento e a criatividade é central para a reconstrução de um projeto de sociedade sem exploração e opressão.*"

É da prioridade dada a esta convergência que surge o conceito da campanha internacional, "Another World Is Possible", na qual a Rede Anticapitalista se insere e contribui para a sua construção. Damos as mãos – cumprindo normas sanitárias – a organizações anticapitalista de vários países, além do RUA, como a Abrir Brecha, do Estado Espanhol, a Communia, da Italia e a Democracia Socialista, da Argentina. Analisamos e aprofundamos o conhecimento da diversidade das situações de luta em cada uma destas distintas realidades. Interpretamos as diversas lutas – climática, feminista, antirracista, lgbtq+, contra a precariedade – à luz do conceito de interseccionalidade, inescapáveis e indissociáveis no combate ao capitalismo e impulsionadoras de coesão social.

Com esta campanha tomamos as redes sociais como espaço central para o combate ideológico e a disputa cultural, percebendo a necessidade de o ocupar perante a presença de discursos perigosos da extrema-direita nestes espaços, para que possamos retirar-lhes esta plataforma.

Através da campanha "Outro Mundo É Urgente" pretendemos apresentar uma resposta clara, em relação à concepção de regresso à "normalidade" – a normalidade era o problema – relacionando experiências concretas nacionais e enquadrando-as numa macro-narrativa de contestação do poder do grande capital. Queremos também estimular as ligações entre ativistas e camaradas que fazem a luta toda, um pouco por todo o mundo, criando e fortalecendo laços e intercâmbios, para que possamos construir pensamento estratégico o mais transversal possível.

Se a classe trabalhadora e os movimentos sociais não construirem respostas que nos assegurem um futuro, sabemos que mais ninguém o fará. Urge a construção de respostas socialistas. Está na altura de construir solidariedade internacional para enfrentar a crise na sua essência, nas raízes exploradoras, opressoras, racistas, ecocidas e imperialista do sistema capitalista. Outro mundo é urgente!

Andreia Galvão e Sofia Oliveira são ativistas estudantis.

BRASIL: ACHARAM O QUEIROZ

LUÍS LEIRIA

Ex-assessor de Flávio e colaborador de Jair Bolsonaro há mais de 30 anos estava escondido numa casa do advogado do presidente. Investigação aponta para vínculos de Bolsonaro com a milícia e o Escritório do Crime.

Há mais de um ano que a pergunta se repetia por todo o Brasil: "Cadê o Queiroz?" Ninguém sabia onde estava Fabrício Queiroz, ex-polícia e ex-funcionário do gabinete parlamentar de Flávio Bolsonaro e colaborador do pai presidente desde os anos 80. A última vez que se soube do seu paradeiro, estava internado num hospital de luxo de S. Paulo, o Einstein, onde fora submetido a uma cirurgia de extração de um tumor, em janeiro de 2019. Um vídeo de Queiroz dançando no quarto do hospital chegou à imprensa, mostrando que o homem afinal não estava tão debilitado como alegava. Teve alta no dia 8 de janeiro.

NUNCA MAIS NINGUÉM O VIU

Até à quinta-feira, 18 de junho, deste ano, quando a polícia o prendeu numa vivenda em Atibaia, cidade do litoral do estado de S. Paulo. O dono da residência que lhe terá servido de esconderijo é Frederik Wassef, advogado de Flávio e de Jair Bolsonaro e frequentador assíduo do Palácio do Planalto.

A cirurgia de Queiroz servira de desculpa para não ir depor na investigação do Ministério Público do Rio de Janeiro sobre o caso conhecido como "rachadinha", nome da operação em que funcionários-fantasma recebiam o salário sem trabalhar e o repassavam ao titular do gabinete. Queiroz era o operador de todo este processo de recolha do dinheiro dos "fantasmas" e pagamento de contas, incluindo despesas pessoais de Flávio Bolsonaro, no tempo em que o atual senador era deputado estadual do Rio.

NOVE TENTATIVAS DE SUSPENDER INVESTIGAÇÕES

Um ano e meio depois, a investigação avançou, apesar dos esforços em contrário do filho do presidente. Flávio entrou na Justiça com nada menos que nove pedidos para suspender as investigações. Conseguiu atrasá-las, mas não pôr-lhes fim.

Os investigadores cruzaram a movimentação das contas bancárias do então deputado da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) com a operada por Queiroz e descobriram que além de fazer depósitos na conta do parlamentar, Queiroz ainda lhe pagava diretamente despesas como a escola dos filhos e o seguro de saúde da família. Há também um cheque de 24 mil reais para a primeira-dama Michele Bolsonaro.

Mas o mais explosivo é a parte do processo que investiga a vinculação de Queiroz com as milícias, e em particular com Adriano da Nóbrega, um dos cabeças do chamado Escritório do Crime, organização de matadores de aluguer que é suspeita de participação no assassinato de Marielle Franco. Há fortes indícios de que o dinheiro da rachadinha também foi usado para investir em negócios imobiliários da milícia. O miliciano foi morto pela Polícia Militar da Bahia em fevereiro deste ano, numa operação que levanta suspeitas de ter tido o objetivo de queimar o arquivo vivo que Adriano representava. Antes da morte do chefe do Escritório do Crime, Márcia Oliveira de Aguiar, mulher de Queiroz, e o advogado Gustavo Botto Maia, que representava Flávio Bolsonaro, foram até Minas Gerais e reuniram-se pessoalmente com Raimunda Magalhães, mãe de Adriano e ex-funcionária fantasma do gabinete de Flávio. Suspeita-se que o encontro tenha servido para levar orientações ao Escritório do Crime.

Ainda há muito que investigar, mas a teia do que foi apurado envolve cada vez mais o presidente da República.

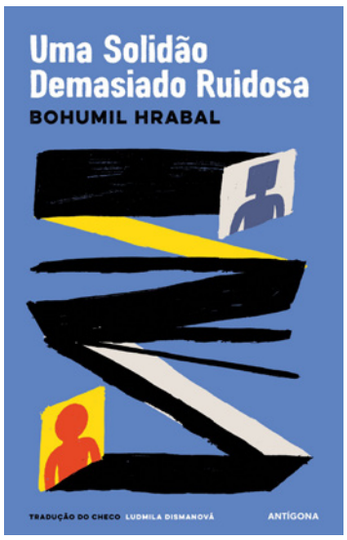
Desde a prisão de Queiroz, nenhum militar do grupo que ocupa cargos no governo se manifestou. O silêncio parece apontar para um afastamento dos ministros de origem castrense em relação a um presidente cujas ligações a organizações criminosas ficam cada vez mais expostas.

Bolsonaro também deixou de insinuar a iminência de um autogolpe militar. Era *bluff*. Apesar de todas as fanfarronadas contra o Supremo Tribunal Federal (STF), o presidente acenou a bandeira branca e entregou aos juízes a cabeça do ministro amado pelos mais fanáticos dos seus seus apoiantes, Abraham Weintraub. O até então ministro da Educação não só foi exonerado como fugiu à pressa para os Estados Unidos, temendo ser preso pelo inquérito do STF que investiga as ameaças ao Supremo, algumas das quais formuladas ou apoiadas pelo próprio Weintraub.

Bolsonaro, o presidente, parece ter entrado num beco sem saída.

Luis Leiria é redator do Esquerda.net.

LEITURAS



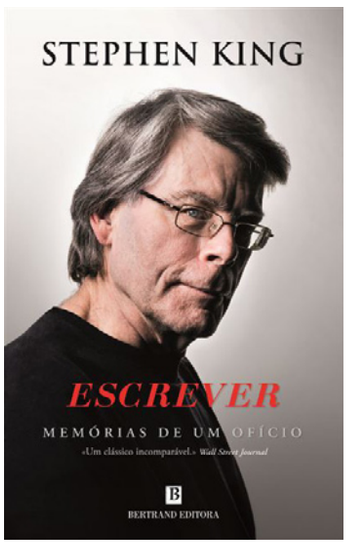
UMA NOITE DEMASIADO RUIDOSA

Bohumil Hrabal
Antígona

Esta é a história de Haňta, que tem o desgraçado ofício, partilhado com o próprio autor da obra, de prensar e destruir livros no subsolo de Praga. Por amor de leitor, salva da hecatombe os que mais lhe pesam, e assim sobrevivem textos de Kant, Hegel, Camus, Novais e Lao-Tsé, numa humanização dos livros como património cultural e emocional.

O livro, censurado e publicado em *samizdat*, uma prática dos tempos da União Soviética destinada a evitar a censura imposta, tornou-se numa obra de culto sobre a imortalidade da memória e da sua redenção. Dita a lenda que Hrabal dizia ter vivido apenas para escrever este livro, que foi beber à sua vida.

AB



ESCREVER

Stephen King
Bertrand

Pela primeira vez em Portugal, a Bertrand publica esta conversa puxa conversa sobre escrita de Stephen King. Quem o lê permite-se, primeiro, entrar na vida do autor, numas primeiras cem páginas de informação inócua. A partir daí, contudo, King vai ao que se propõe: mostrar o que, enquanto escritor e leitor, foi aprendendo sobre o seu ofício. As dicas que dá são pertinentes. Por exemplo, evitar construções frásicas como a anteriores, partindo logo para o cerne: o autor dá dicas pertinentes. Stephen King encara o vocabulário como ferramenta ao serviço de uma história. A ideia, por simplista que possa parecer, tem a vantagem de evitar as passarelas de léxico. No final da leitura, sobram duas lições: a voz passiva e os advérbios de modo são dois cancros nos textos. E outra, acima disso: o talento é um belo conto de fadas, mas são as horas de trabalho que o levam a algum lado.

AB

ACONTECE

MARIA VELHO DA COSTA (1938-2020)

Maria Velho da Costa, que nos deixou nestes meses de confinamento, mobilizou mais de cinquenta anos de vida literária intensa para desfazer os silêncios sobre a vida das mulheres. Fê-lo em 1972 nas Novas Cartas Portuguesas, com Maria Isabel Barreno e Maria Teresa Horta (que lhe dedicou uma comovedora "saudade assustada" por esta morte súbita), como o fez em toda a sua obra, inaugurada com Maina Mendes (1969), a fala de uma mulher que perdeu a voz, e Casas Pardas (1977), uma polifonia sobre a vida, talvez ao modo de Joyce, como reconheceria a autora, ambos os livros explorando silêncios impostos e a rebeldia que reclama o reconhecimento da mulher. Continuou sempre na mesma senda. Fê-lo no cinema, em seis filmes que escreveu para Margarida Gil, Alberto Seixas Santos e João César Monteiro, realizadores cujo parentesco com a autora se adivinha bem. Fê-lo também noutras expressões artísticas (Casas Pardas foi encenado por Luísa Costa Gomes).

A ensaísta Claudine Herrmann perguntava em 1974 na Quinzaine Littéraire, a propósito das Novas Cartas, "O que pode a literatura, irmãs, as palavras contra tudo isto?". Pois, com o fulgor de Maria Velho da Costa e outras como ela, pode tudo e pode sempre, rompendo até aquele silêncio ancestral que vem de antes da Ilíada.

FL

MOSTRA BIOBIBLIOGRÁFICA - BERNARDO SANTARENO. PORTUGUÊS, ESCRITOR, RESISTENTE. 100 ANOS

O Museu do Aljube Resistência e Liberdade, no âmbito do ciclo Intelectuais e Artistas da Resistência, associa-se às comemorações do centenário do nascimento de Bernardo Santareno, com uma mostra Biobibliográfica, que poderá ser vista, presencialmente, no Museu do Aljube, todo o mês de julho, ou online, no Facebook do Museu (link is external).

CONTACTOS
email **redeanticapitalista@gmail.com**
facebook.com/**redeanticapitalista**
web **www.redeanticapitalista.net**